



DOIS DEDOS DE PROSA

Nº17 - RECIFE PE - NOVEMBRO DE 1995

ORGANIZAÇÕES RURAIS E ENTIDADES DE ASSESSORIA REALIZAM O 1º SEMINÁRIO ESTADUAL SOBRE AGROECOLOGIA

Sindicalistas da FETAPE, agricultores e técnicos de ONGs debatem sobre o modelo de Agricultura Ecológica desenvolvido em Pernambuco.

Participantes do Seminário registram um marco da construção da Agroecologia.

Veja as páginas 04 e 05



FETAPE



Campanha contra a queimada

O Sindicato de Bom Jardim fez um ato público para lançamento do 2º ano da campanha "Contra a Queimada e por Mais Produção". O Sindicato de Triunfo e Santa Cruz iniciou a mesma campanha no Sertão de Pernambuco.

(Leia na página 05)

Como fazer um GALINHEIRO MÓVEL

Pegue as dicas na página 06

São José de Belmonte

Realizou um diagnóstico da pequena produção rural do município.

O pesquisador Argemiro conversa com agricultor e faz observação direta. Acompanhe na página 03



Kurt Harbermeier

Editorial

Na luta pela terra

É comum ouvir-se falar que a pouca disponibilidade de terra é um forte obstáculo para a realização de uma agricultura ecológica, em que procura-se melhorias permanentes do solo com grande diversidade de consórcios vegetais e da presença de culturas permanentes na propriedade. Também é notório que a má distribuição das terras no Brasil sempre preocupou os segmentos populares enquanto sempre foi um problema esquecido pelos donos do poder.

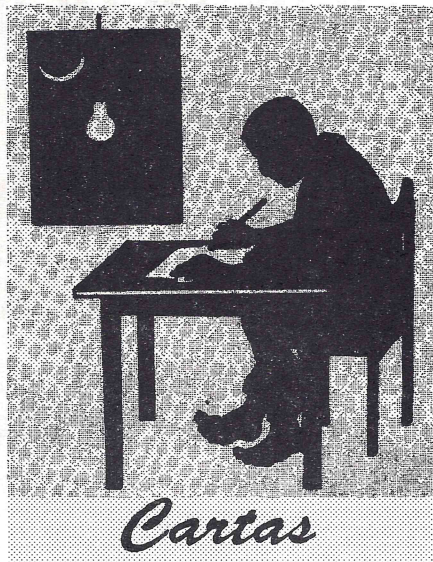
Se essas duas componentes já não fossem suficientes para apoiarmos a luta pela terra desenvolvida pelo Movimento dos Sem-Terra (MST), deveríamos lembrar das dificuldades enfrentadas pelo MST, com mais de 21 mil famílias acampadas em condições subumanas a espera da reforma agrária, ou então deveríamos refletir sobre a violência que sofrem rotineiramente, como o massacre impune de agricultores ocorrido em Rondônia, em agosto passado.

O Movimento dos Sem-Terra tem ocupado manchetes na grande imprensa, provocando no cenário político nacional um impacto único enquanto movimento social, forçando o governo federal a adotar algumas medidas de implementação da reforma agrária.

Essa investida do MST em ocupar terras, levando o governo a se manifestar preocupado com a Reforma Agrária, resultou na substituição do presidente do Incra, com a nomeação de Francisco Grazziano, conhecido estudioso da questão agrária. Grazziano destacou-se ao defender o fracasso da reforma agrária no Brasil, afirmando que os grandes proprietários modernizaram e valorizaram suas áreas, não havendo razões nem dinheiro para o Estado indenizar essas terras e distribuí-las numa reforma agrária. Estando na mão deste homem a condução da reforma agrária, vale perguntar se ele mudou de opinião ou se sua missão é inviabilizar a reforma agrária?

Sobre a viabilidade econômica da Reforma Agrária no Brasil, não há mais o que contestar. O último relatório da FAO (Fundo das Nações Unidas para a Alimentação) constatou que os assentamentos produziram uma renda mensal média de 3,7 salários-mínimos por família/mês. No Nordeste, com desempenho menor, a produção rendeu a média de 2,3 salários, o que é satisfatório para os atuais padrões de vida da maioria dos agricultores dessa região.

Acreditamos que só o apoio e a luta pela terra obrigarão o governo federal a realizar na prática a reforma agrária, desmontando o argumento da falta de terra. Havendo uma relativa democratização da terra, crescerá as condições para a maioria dos agricultores praticarem uma agricultura mais saudável e com melhor perspectiva para o futuro.



Cartas

O Dois Dedos de Prosa reservou este espaço para você leitor. Mande a sua sugestão, crítica ou solicitação. A nossa equipe terá prazer em atendê-lo.

Abaixo as Queimadas

O STR de Triunfo e Santa Cruz da Baixa Verde, preocupado com as práticas tradicionais na agricultura, que vem causando prejuízos com desmatamento e erosão, decidiu fazer uma campanha "Contra a Queimada e por mais Produção", a exemplo do sindicato de Bom Jardim.

O lançamento da campanha, em 14 de agosto, não foi tão participativo como gostaríamos, mas foi vantajoso. Contamos com a presença de várias instituições de apoio: Cecor, Emater-PE, Igreja, Sactes, Fetape, STR de Serra Talhada, Equipe de Agricultura de Triunfo, STR de Triunfo e Stª Cruz, Centro Sabiá e Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais. Os representantes dessas entidades falaram ao público sobre os prejuízos que a queimada traz, e foi distribuído um panfleto que esclarece o tema para agricultoras e agricultores.

Sandra Rejane
Diretora do STR de Triunfo
e Stª Cruz-PE

Circulando o Dois Dedos de Prosa

Sou um pequeno produtor rural e faço parte de uma associação de pequenos agricultores aqui do município de Arapiraca. Estamos querendo montar um biblioteca e desejamos saber como conseguir o jornal Dois Dedos de Prosa, pois conseguimos um xerox do

exemplar de agosto. Na nossa região, a cultura principal é o fumo, seguida do feijão, algodão, abacaxi e pecuária de corte. Agradecemos desde já.


José Roberto Souza e Silva
Arapiraca - AL

Para por em prática a agricultura sustentável

É com imenso prazer que venho pedir informações, pois conheci o Dois Dedos de Prosa de um amigo e li sobre recuperação de solos degradados (nº15), coisa que gostei. Como sou estudante de agropecuária em uma escola agrícola de regime interno, gostaria de receber esta revista regularmente, para manter-me informado e ajudar na minha formação, para colocar estas práticas em minha comunidade e na escola onde estudo. Espero receber esta revista pois contém matérias ótimas que ninguém tem na minha região. Se for atendido, desde já agradeço.

Plínio Nery de Lima Neto
Capela Stª Terezinha - Esmeralda - RS

Caros José Roberto e Plínio Nery, O Centro Sabiá fica animado com a iniciativa de vocês em conhecer e praticar outros sistemas para se ter uma agricultura sustentável. Estamos enviando-lhes o Dois Dedos de Prosa, onde consta um cupom de assinatura de apoio, através do qual vocês poderão tornar-se assinantes, apoiando esta publicação.



DOIS DEDOS DE PROSA

EXPEDIENTE

Informativo Nº17 - Novembro 1995
Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá
Rua Esperanto, 479 - Ilha do Leite
CEP 50.070-390 Recife-PE
Telefax (081) 221.1338
Equipe do Sabiá:
Avanildo, Flávio, Joseilton, Kurt,
Marcos e Vanderlucia
Edição e redação:
Vanderlucia Silva (RG 1583 DRT/PE)
Diagramação e Editoração:
Jorge Verdi
Ilustração: Domingos Sávio
Circulação: Marleide Irineu
Apoio:
ICCO, SACTES e MISEREOR.

BELMONTE: SINDICATO FAZ DIAGNÓSTICO RURAL DA PEQUENA PRODUÇÃO

Kurt Harbermeier

Para conhecer melhor a realidade e os problemas enfrentados pelos produtores, o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Belmonte realizou um diagnóstico da agricultura familiar no município, no período de 22 a 26 de agosto passado. Com esta pesquisa, o Sindicato espera aproximar-se mais das suas bases, melhorar a organização dos trabalhadores, encontrar soluções para alguns problemas e formular reivindicações para outros.

O STR de São José do Belmonte é mais um sindicato que se preocupa com a produção agrícola e a situação econômica dos pequenos agricultores, e por esta razão há algum tempo vinha pretendendo fazer um estudo sobre a situação da pequena produção do município. Esse diagnóstico foi então preparado e realizado conjuntamente com o Centro Sabiá, contando com o apoio do Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social. A pesquisa de campo foi feita por quinze agricultores e agricultoras que são diretores sindicais e líderes comunitários do município, e por mais dez técnicos e técnicas visitantes.

Divididos em quatro equipes, essas pessoas trabalharam durante três dias seguidos em quatro comunidades: Jerusalém, Cipaúba, Bananeira e Pedreira / Malhada Fria. Elas conversaram com lideranças, chefes de família, homens e mulheres, e jovens sobre os problemas da terra e da água, da produção e do jeito de plantar, do trabalho na roça e do trabalho fora da roça, do sistema de comercialização, da política agrícola governamental e da organização dos trabalhadores.

Esse diagnóstico revelou uma situação dramática de abandono e pobreza da grande maioria dos agricultores, sejam eles meeiros, rendeiros ou mesmo proprietários. De um ano para cá, a situação piorou com o Plano Real e com a queda dos preços agrícolas, o que significa um prejuízo certo para o produtor. Em consequência, cresce



Lenira e Argemiro (à direita) entrevistam agricultoras na comunidade de Jerusalém, em Belmonte.

o trabalho migratório dos homens na beira do rio São Francisco, e o movimento retirante para São Paulo e outras cidades, levando muitas vezes ao abandono definitivo da terra.

Os agricultores das comunidades participaram ativamente do diagnóstico, e as discussões e entrevistas criaram uma expectativa

positiva para enfrentar a situação. O desafio para o Sindicato agora é analisar toda a informação do diagnóstico, montar um programa de intervenção na produção e organizar a luta por políticas públicas que garantam ao trabalhador rural terra e água, recursos para produzir e um preço mínimo para comercializar a produção.

RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO EM DEBATE



"Relação de Cooperação ao Desenvolvimento e Política de Gênero" foi o tema de um amplo seminário, realizado no Recife, organizado pela Abong-PE, Forum de Mulheres de PE, Red Entre Mujeres e Sactes. Estiveram presentes cerca de 60 entidades do país e algumas internacionais, entre ONGs de Mulher ou de Gênero, ONGs mistas que pretendem incorporar a abordagem de gênero e agências estrangeiras de cooperação. Discutiu-se as tendências da

cooperação das agências com o trabalho dos movimentos sociais e ONGs do Brasil na linha do desenvolvimento e a construção das políticas de gênero das entidades presentes. O Centro Sabiá esteve presente entre as 22 entidades de Pernambuco. Na foto, temos a mesa que abordou as tendências da cooperação, representada por Agências e Abong, enquanto o plenário acompanha a intervenção de Emília, da Fase-Rio.

SINDICALISTAS RURAIS, AGRICULTORES E ONGS DEBATEM A AGROECOLOGIA DESENVOLVIDA EM PERNAMBUCO

É a agroecologia uma opção viável para pequena produção familiar em Pernambuco? O modelo de produção agroecológica para sustentar o pequeno produtor e sua família no campo? Foram estas questões que nortearam o debate durante o 1º Seminário Estadual promovido pela Fetape - Federação de Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco - em parceria com o Centro SABI.

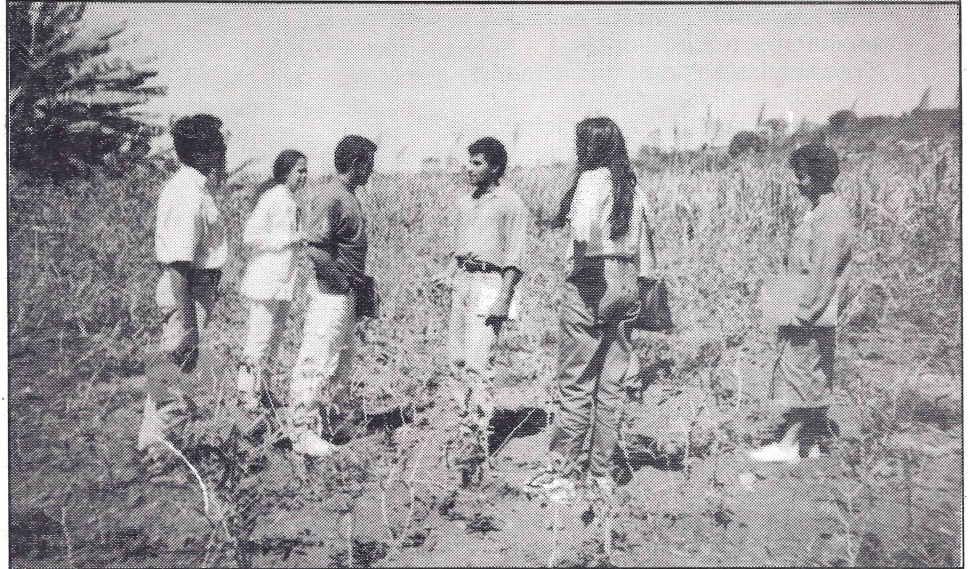
Marcos Figueiredo

Cerca de 40 pessoas, representando sindicatos de trabalhadores rurais, a Federação de PE e ONGs - Organizações Não Governamentais, reuniram-se em Triunfo-PE, durante os dias 29, 30 de agosto e 1º de setembro. O grupo discutiu o modelo de produção agroecológica como base para a agricultura familiar sustentável. O ponto de partida dessa discussão foi a análise dos modelos de produção agrícola tradicional e agroquímico. A insustentabilidade desses modelos de produção foi confirmada pelos participantes do 1º Seminário Estadual sobre Agroecologia. A degradação dos recursos naturais, a queda da produção e os altos custos dos insumos externos são características nefastas que tornam esses dois modelos proibitivos.

A crítica a esses modelos tem levado à discussão de um outro modelo de produção sustentável, adequado às condições ambientais, econômicas e sociais da pequena produção familiar na nossa região.

A agroecologia, enquanto uma opção para a agricultura familiar, vem sendo construída na prática, a partir das iniciativas de agricultores e de ONGs que trabalham com essa temática em Pernambuco. Apesar desse grupo agroecológico ser ainda pequeno e o seu trabalho relativamente recente, verifica-se um bom crescimento de experiências de produção utilizando princípios agroecológicos. Os sinais ou os primeiros resultados dessas experiências têm despertado grande curiosidade nos dirigentes sindicais e, em menor grau, nos técnicos vinculados a órgãos governamentais.

As experiências desempenham uma função importante na sensibilização desse público. As visitas de intercâmbio é uma atividade de caráter didático com alto poder sensibilizador. A necessidade de ver na prática a aplicação de princípios da agroecologia estimulou inúmeras visitas de intercâmbio no transcorrer deste ano. A Fetape coordenou uma caravana formada por sindicalistas e técnicos



Grupo do Seminário visita a propriedade de Neguim (ao centro), na comunidade de Santo Antônio, em Santa Cruz da Baixa Verde

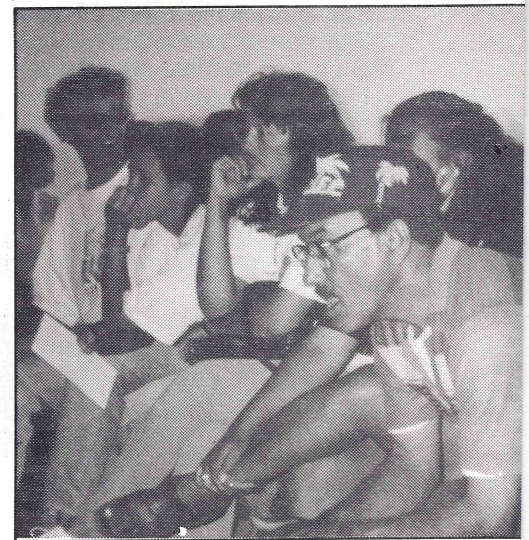
ligados a ONGs rurais e urbanas que visitaram experiências nos municípios de Abreu e Lima, Bom Jardim, Gravatá, Triunfo, Serra Talhada, Sta. Maria da Boa Vista e Ouricuri.

Mesmo identificando o caráter positivo dessas iniciativas, uma análise realista não pode deixar de reconhecer que ainda falta muito para a agroecologia se tornar uma referência para a agricultura familiar. Um passo importante nesta direção é a ampliação do número de sindicalistas comprometidos com a proposta agroecológica em Pernambuco. Vencer este desafio significa superar resistências, desconfiças e dúvidas que pairam sobre as cabeças de dirigentes sindicais e de técnicos. Todavia, não se pode deixar de reconhecer a importância da explicitação de questões, a exemplo das que foram levantadas pelos participantes do 1º Seminário Estadual de Agroecologia, sobre a viabilidade econômica da agroecologia, como um primeiro passo para a construção do entendimento coletivo da proposta agroecológica.

Atentos às questões colocadas pelos sindicalistas e seus assessores, resgatamos três situações em que o

modelo agroecológico é mais viável economicamente para a pequena produção familiar, aspectos presentes no debate realizado em Triunfo.

1º) economia nos gastos com insumos externos: a agroecologia utiliza intensivamente os recursos naturais que o produtor tem na sua propriedade, como a terra, a água, a vegetação, as sementes, além da mão de obra da família. A menor dependência de insumos externos faz da agroecologia uma proposta barata e,



Entre os participantes do evento, Jones de (à frente, da direita para a esquerda)

DOIS DEDOS DE PROSA

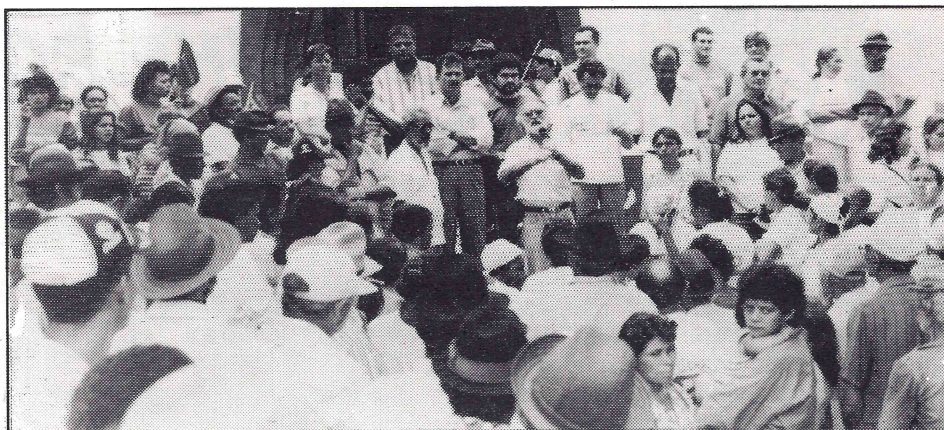
3s DEBATEM AMBUCO

gico dá retorno econômico suficiente
minário Estadual sobre Agroecologia,
, o Serto, o Caatinga e o Sactes.

portanto, muito mais pertinente à
realidade da maioria dos pequenos
produtores.

2º) aumento no consumo da família:
no sistema agroecológico planta-se a
maior diversidade possível. Isto além de
melhorar o equilíbrio do ambiente,
garante uma maior diversidade de
produtos oriundos da propriedade para o
consumo da família. Muitos produtos
que só se conseguia comprando,
passam a serem produzidos no roçado,
gerando uma economia nas despesas
do pequeno produtor.

**3º) aumento na produtividade dos
sistemas de produção:** a adoção da
agroecologia provoca um impacto
positivo sobre os sistemas de produção
tradicionais. Experiências desenvolvidas
por agricultoras e agricultores, aqui
mesmo em Pernambuco, tem mostrado
na prática que a agroecologia dá muito
mais resultado, gerando ganhos já nos
primeiros anos de produção. Além disto,
estudos realizados em outros países
provam que a agroecologia tem boa
produtividade, em algumas situações,
são superiores aos da agricultura
moderna, com a vantagem de ser
estável.



Diretores do STR de Bom Jardim, parlamentares (Fernando Ferro e Paulo Rubem), técnicos de Sabia, agricultoras e agricultores, participam do Alto de Lançamento Contra a Queimada na agricultura do município.

Dizer não à queimada é ganhar na produção

Kurt Harbermeier

Nesse período de verão, os pequenos produtores do Sertão e do Agreste estão preparando a terra para o próximo plantio. É costume utilizar nesse preparo a foice, a enxada e o fogo a fim de deixar o terreno limpo e pronto para receber as sementes logo que caírem as primeiras chuvas do inverno.

O que muitos agricultores não sabem é que ao queimar a capoeira, o mato e o vasculho, eles estão enfraquecendo a terra. Botando fogo na vegetação, o agricultor queima a sua própria riqueza, o seu futuro e o futuro dos seus filhos. A queimada mata a vida do solo, mata a terra viva, com suas árvores e plantas, mata o principal recurso do pequeno produtor rural.

O Sindicato de Triunfo e Santa Cruz da Baixa Verde, no Sertão de Pernambuco, e o Sindicato de Bom Jardim, no Agreste do Estado, perceberam que a degradação do solo, a baixa da produção, o empobrecimento dos agricultores e o abandono da terra tem tudo a ver com a queimada. É por isso que estão lançando campanhas contra a queimada e por mais produção. Triunfo fez o ato de lançamento em 14 de agosto e Bom Jardim lançou o segundo ano da campanha em 11 de outubro.

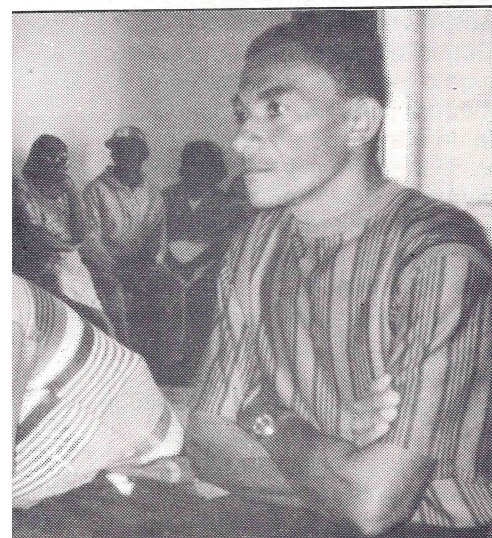
Em Triunfo e Santa Cruz, a terra que antes era muito fértil, hoje está toda desmatada e nua, facilmente arrastada pela água da chuva e rapidamente ressecada pelo sol. Mas muita gente ainda queima a palha de cana que poderia dar um conforto ao seu solo.

Em Bom Jardim, o fogo é utilizado no preparo da terra para plantar banana, abacaxi, mandioca, milho e feijão. Mas a mandioca apodrece na terra antes de ser arrancada, o abacaxi está todo doente e a produção de milho e feijão diminui a cada ano. Lá, a campanha contra a queimada já entra no seu segundo ano. Em 1994, muitos agricultores ficaram sensibilizados e deixaram de queimar. Mas a campanha não termina com o fim da queimada. Dizer adeus ao fogo na lavoura é apenas o primeiro passo na caminhada por uma agricultura familiar sustentável.

Os produtores que formam a Comissão de Agricultura do Sindicato de Bom Jardim e a Equipe de agricultura do Sindicato de Triunfo e Santa Cruz já estão experimentando um novo jeito de plantar, que ajuda a melhorar o solo e produzir mais. Nem pensam mais em queimar, não derrubam mais as árvores, mantêm a terra sempre coberta, plantam contra às águas, cultivam várias lavouras juntas e introduzem ainda outras plantas e árvores no meio do roçado.

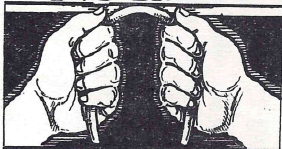
As campanhas contra a queimada e por mais produção vão espalhando essas experiências e com certeza ganharão a adesão de mais agricultores para praticarem o novo jeito de plantar. Essas iniciativas representam um bom exemplo para sindicatos que desejam melhorar a produção e a economia dos trabalhadores rurais do seu município, sem destruir a natureza.

FETAPE



hamã e Antônio Florêncio de Pindobinha acompanham as apresentações.

COMO FAZER...



Muitas agricultoras e agricultores que criam galinhas nos seus quintais tem muitos problemas quando chega o inverno. Não podem ficar com as galinhas soltas porque elas não deixam o roçado prosperar, e nem podem prendê-las no galinheiro pois assim aumenta a possibilidade de doenças e vem a necessidade de comprar milho ou ração, tornando a criação cara.

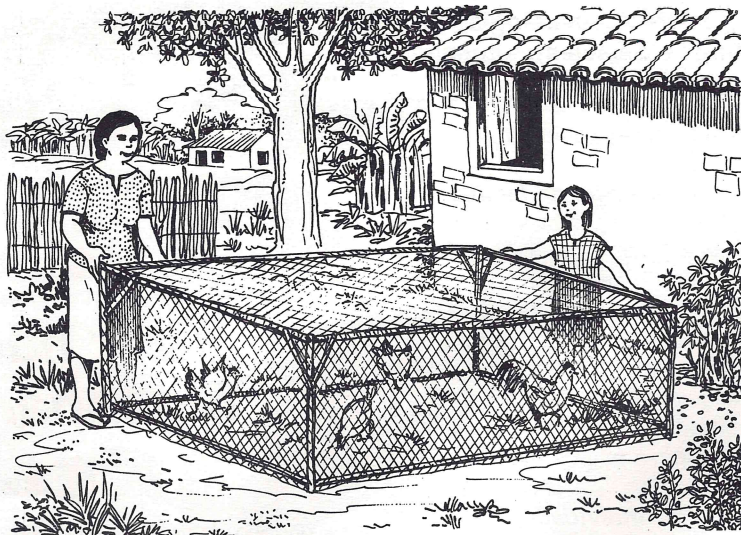
Assim, as agricultoras e agricultores são obrigados a venderem suas galinhas numa mesma época do ano aos atravessadores, que, já conhecendo o problema, diminuem o preço de compra. O prejuízo é duplo, a agricultora é obrigada a vender todas as suas galinhas, uma grande alternativa para sua alimentação, e ainda as vendem por um preço muito barato.

Discutindo essa problemática, o Centro Sabiá, junto com algumas agricultoras de Bom Jardim, desenvolveu a proposta de um galinheiro móvel que permite a criação de galinha durante o inverno sem precisar prendê-las no galinheiro tradicional ou de vendê-las a preço barato.

A idéia é que as galinhas fiquem ciscando e comendo em um local limitado e que a cada dia elas mudem para outro local que tenha mais vegetação e alimentos naturais

GALINHEIRO MÓVEL

Flávio Duarte



(minhocas, besouros e outros insetos). Assim, aquelas plantas que foram comidas pelas galinhas vão rebrotar, aumentando o potencial de alimentação para as galinhas.

Para se construir um galinheiro móvel a agricultora ou agricultor deve aproveitar ao máximo os produtos que dispõem na propriedade para baratear os custos. O galinheiro pode ser feito só de madeira, de madeira com bambu ou com madeira e tela de arame que se pode comprar no comércio. Além da madeira ou arame, o agricultor vai precisar de pregos, martelo e serrote.

A dimensão do galinheiro vai depender da quantidade de animais

que se vai criar. Em geral, o tamanho deve ser de mais ou menos um metro para cada dois animais. Então para a criação de dez animais o tamanho deve ser de dez metros quadrado ou seja de 2 metros por dois metros e meio. A altura do galinheiro deve ser de 70 centímetros para possibilitar a criação de peru.

Com duas varas de 2 metros e duas de 2,5 metros, devemos pregá-las às estacas que medem 70 cm que vão ficar em cada quina do galinheiro. Depois de pregarmos as madeiras, devemos fazer um reforço pregando um pedaço de madeira de mais ou menos 30 cm nas estacas das quinas com as varas laterais.

Depois do galinheiro armado, chega o momento de cobri-lo. A cobertura pode ser feita com uma tela de arame, de bambu ou outro tipo de madeira que exista no sítio.

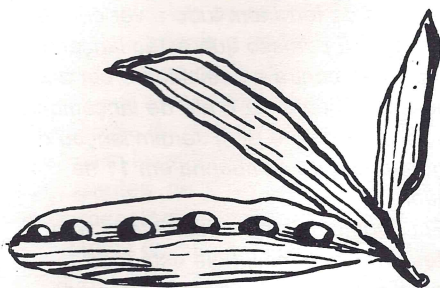
Devemos deixar um espaço de mais ou menos meio metro para uma pequena porta de entrada e saída dos animais.

O manejo do galinheiro deve ser de acordo com a quantidade de animais que se tem e a situação da vegetação que a agricultura dispõe. Se a vegetação disponível for insuficiente, a agricultora ou agricultor poderá reforçá-la semeando guandu, leucena ou outras plantas que sejam de fácil germinação e desenvolvimento.

COLETAR SEMENTES É VITAL PARA OS SISTEMAS AGROFLORESTAIS

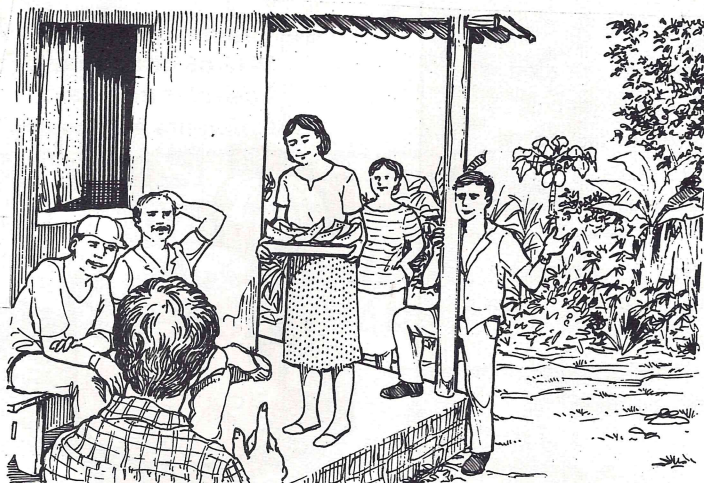
Na nossa experiência de implantação de sistemas agroflorestais com as famílias de pequenos produtores rurais, tem sido uma necessidade constante e de alto valor a obtenção de sementes da vegetação própria do lugar. Em muitas regiões a vegetação nativa está restrita a umas dezenas de espécies devido ao desmatamento intensivo e à prática frequente das queimadas, que acabam com as sementes guardadas na terra.

Há muita dificuldade para obtenção dessas sementes porque elas não são encontradas no sistema de comercialização e o seu processo de coleta é demorado, trabalhoso e requer uma grande dedicação. Para avançar no sistema agroflorestal é fundamental as agricultoras e os agricultores



persistirem na coleta de sementes nativas. Por esta razão tem sido de boa ajuda as feiras de sementes realizadas nos encontros de agricultoras e agricultores de sistemas agroflorestais.

Agricultores sertanejos trocam experiências



Agricultores dos municípios de Afogados da Ingazeira, São José do Belmonte, Serra Talhada e Triunfo, no Sertão Central de Pernambuco, desde o início deste ano vêm realizando uma série de visitas de intercâmbio sobre suas práticas em agricultura sustentável. Enquanto cada um praticava sozinho no seu roçado um novo jeito de fazer agricultura, muitas inquietações surgiam, mas conhecendo o que os outros fazem cresce a certeza de estar no caminho certo.

Esses trabalhadores, preocupados com o futuro da agricultura, começaram a refletir sobre novas formas de praticar a agricultura, porque eles vêm percebendo que o jeito tradicional está provocando prejuízos ao solo, reduzindo a produtividade nas suas roças. É o caso de culturas como o algodão, que a algum tempo atrás era de grande valor comercial para o pequeno produtor sertanejo, mas isso foi de água abaixo com a praga do bicudo, surgida do desequilíbrio na natureza provocado pelo próprio homem.

Nessas visitas, homens e mulheres agricultores estão tendo a oportunidade de conhecer outras experiências, discutindo juntos os principais problemas, buscando soluções e observando também os avanços conseguidos com a prática de uma agricultura que respeita a natureza e que consegue dar melhor retorno econômico.

Os trabalhadores rurais querem, além de recuperar solos degradados, conservar aqueles que ainda são produtivos, o que significa preservar a vida de plantas e bichos que vivem em cima e dentro do solo, somando a isso o

plântio de culturas que tragam condições para sua sobrevivência de forma digna.

Para a realização desse intercâmbio, a organização dos agricultores nos seus sindicatos tem sido fundamental. Esses sindicatos começam a sentir a necessidade de discutir a produção agrícola - eixo central da vida do homem do campo. Dirigentes e lideranças tem se mostrado entusiasmados em desenvolver atividades que apontem novos caminhos para resolver problemas que afetam a pequena produção.

Um fato que chama a atenção nesse processo de troca de conhecimentos é a participação de agricultores mais velhos juntamente com jovens trabalhadores, unindo experiência e

Rivaneide Almeida - colaboradora

energia na luta por uma agricultura sustentável. No desenvolvimento desse trabalho, os STR's contam ainda com o apoio do Sactes, Centro Sabiá e Cecor, entidades que comungam com esse pensamento e que atuam na área.

Além das visitas de intercâmbio, que acontece nos roçados dos próprios agricultores, estão sendo realizados vários cursos que tratam de diversos temas ligados à agricultura sustentável, tais como "história da agricultura", "poda", "economia rural", unindo conhecimentos práticos e científicos.

Todo esse trabalho tem mostrado resultados de grande importância. Muitos agricultores e agricultoras já colocam em prática várias técnicas tratadas ao longo dos nossos encontros. Até mesmo trabalhadores de outros municípios, ao tomarem conhecimento dessa programação, já anunciam seu interesse em participar dos cursos e dar início a experiências em seus roçados.

Já são 60 pessoas visitando sete experiências. Esperamos dar continuidade a esse trabalho, avançando de forma concreta em direção a uma agricultura que responda aos anseios do homem e da mulher do campo, respeitando a vida do nosso planeta.

Rivaneide Almeida é agrônoma do Cecor.

ASSINE LOGO o seu "Dois Dedos de Prosa"

Dê o seu apoio fazendo sua assinatura anual. Envie este cupom para o Centro Sabiá, Rua Esperanto, 479 - Ilha do Leite. CEP 50070-390 - Recife PE.

CUPOM DE ASSINATURA

Desejo fazer uma assinatura anual do Informativo Dois Dedos de Prosa.

Para isto estou enviando:

Cheque Nominal ou Vale Postal

em favor do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá

Assinatura Normal: 10 Reais Assinatura p/ agricultor ou estudante: 5 Reais

Nome: _____

Endereço: _____

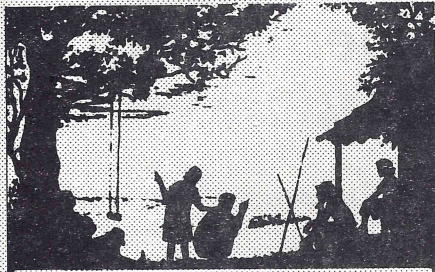
Bairro: _____ CEP: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Profissão: _____ Tel: _____

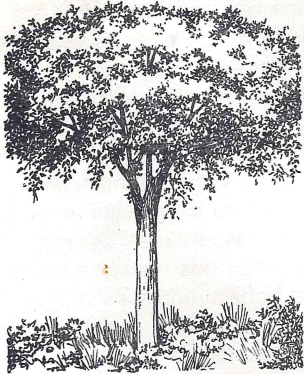
Nasc.: _____ Data da Inscrição: _____

DOIS DEDOS DE PROSA



Versos e prosas

CAJAZEIRA



A cajazeira ou cajazeiro é uma árvore muito cultivada nos estados do Norte e Nordeste do Brasil, embora esteja presente desde a Região Amazônica até o Rio de Janeiro. Seu fruto - mais conhecido por cajá e taperebá - é comestível e muito apreciado pelas populações do Norte e Nordeste, onde é oferecido nos mercados locais para o consumo ao natural, em sucos, sorvetes, vinhos e licores.

O tronco da cajazeira é revestido por casca muito grossa, com diâmetro de 40 a 60 centímetros, tendo a árvore uma altura de 20 - 25 metros. O habitat característico da cajazeira é a mata alta de várzeas de terra firme, mas ela também é encontrada nas matas secundárias, onde consegue se reproduzir espontaneamente através de sementes, de estacas ou de raízes.

Suas flores são melíferas. Anualmente a cajazeira produz sementes em grande volume, que são bastante disseminadas pelos bichos. Do final de agosto a dezembro a cajazeira floresce e seus frutos amadurecem de outubro a janeiro. Sua madeira é leve, mole, fácil de trabalhar e, ao natural, tem uma durabilidade média. A madeira da cajazeira é útil para marcenaria e carpintaria, bastante utilizada na construção de pequenas embarcações no norte e nordeste.

Fonte: *Árvores Brasileiras - manual,*
Harri Lorenzi

PLANTANDO COM A FORÇA DA LUA

Uma outra forma em que a lua influi na agricultura é através da sua interferência no deslocamento da água. Todo mundo sabe que é na lua cheia em que há uma maior diferença entre o nível do mar na maré seca e na maré cheia. Isto é por conta da influência da lua no deslocamento da água dos oceanos.

A influência da lua também acontece no deslocamento da água das plantas, chamada de seiva. É na época da lua cheia que existe uma maior concentração da seiva nos galhos e folhas. E é na lua minguante que a seiva se concentra na raiz das plantas.

Como aproveitar essa influência da lua na agricultura? O primeiro aspecto é no plantio. Nas culturas em que será colhida a raiz, deve-se plantar na lua minguante, enquanto as culturas em que a colheita será o fruto ou a parte aérea, deve-se plantar na lua cheia.

Outro aspecto está relacionado com a colheita. A melhor época de colher as raízes é na lua minguante, quando ela estará mais pesada e mais cheia de água, com maior facilidade de cozinhar e ficar mole.

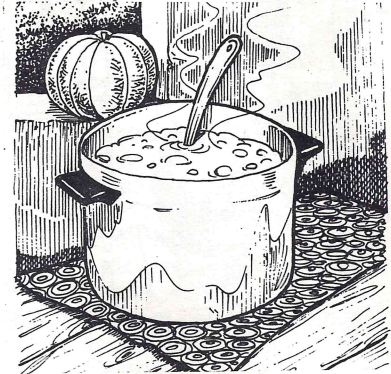
A melhor época de corte de madeira de lei é na lua minguante, pois é nesse período que a seiva da planta está concentrada nas raízes e, conseqüentemente, sua parte aérea estará mais seca e rígida, sendo mais difícil de ser atacada pelos cupins.



SOPA DE ABÓBORA

Receita de Renate Gotsch

800 gramas de abóbora.
10 talos de taioba.
2 cebolas médias.
Sal, pimenta e alfavaca



Corte a abóbora em pedaços pequenos e corte a cebola separado. Refogue a cebola numa panela, depois junte a abóbora e acrescente 1 ½ litro d'água. Deixe cozinhar um pouco. Depois acrescente os talos da taioba cortado bem fino, quando estiver amolecidos coloque alfavaca, sal e pimenta a gosto. Os ingredientes aromáticos não precisam passar por cozimento.

Você também pode enviar sua receita a base de vegetais. Teremos o prazer de publicá-la e o leitor experimentá-la.

DÊ VALOR A QUEM TRABALHA

Carlos Paixão - Araripina/PE

Sou do Nordeste sofrido
Me acordo ao cantar do galo
Levanto pego a enxada
O roçado é meu embalo
Só a tardinha retorno
Calo por cima de calo

Com os frutos do trabalho
Gastando o suor do rosto
Sem desanimar da lida
Sem abandonar seu posto
Sente o sabor da vitória
De tudo que fez com gosto

Mais me entristece uma coisa
Vô dizer só pro senhor
Quando temos o legume
Este perde o seu valor
E a gente vende de graça
E não lucra o que gas'ou